



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O LÚDICO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA INDISPENSÁVEL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Inácia Érica de Farias Sobral Corlett (1); Carlos Kleber Sobral Corlett (1); Iuziane Azevedo Oliveira (2); Maria Valquíria Vasconcelos Cordeiro (3).

Secretaria Municipal de Educação de São Vicente do Seridó, PB.

RESUMO

Vários estudiosos denominam o século XXI como o século da ludicidade. Vivemos em tempos em que a diversão, o lazer e o entretenimento apresentam-se como atrativos bastante perseguidos pela sociedade. Por ser a dimensão lúdica alvo de tantas atenções e desejos, faz-se necessário resgatarmos a sua essência, dedicarmos estudos e pesquisas no sentido de evocarmos seu real significado. O lúdico é uma característica marcante no ser humano. Ele está presente nos mamíferos, pois nos demais animais é quase ou totalmente inexistente. É no homem que o lúdico se faz mais presente, principalmente em sua infância, daí podermos afirmar que o homem é o animal que tem a infância mais longa. Toda criança ao descobrir e explorar o mundo que a rodeia (que ela vive) faz uso de brincadeiras como um instrumento, um veículo, para auxiliá-la em seu desenvolvimento e na assimilação do meio. Viver ludicamente significa uma forma de intervenção no mundo, indica que não apenas estamos inseridos nele, mas, que somos ele. Logo, conhecimento, prática e reflexão são as nossas ferramentas para exercermos um protagonismo lúdico ativo.

Palavras-chave: Lúdico - Aprendizagem - Ser Humano

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica e destina-se a crianças de zero a cinco anos de idade. Ela não é obrigatória na creche, entretanto já é obrigatória na pré-escola. Daí, o Estado ter a obrigação de atender as crianças nessa faixa etária, pois conforme a Lei N° 9.394/96 os municípios têm a incumbência de oferecerem essa modalidade de ensino em creches e pré-escolas.

Essa é uma fase muito importante que deve ser desenvolvida a partir dos conhecimentos já adquiridos pelas crianças. Daí, caber ao (a) professor (a) contribuir no desenvolvimento das habilidades das mesmas, criando condições para que essas crianças se tornem autônomas, algo que é um objetivo primordial na educação infantil, principalmente contextualizando o educar e o cuidar.

Assim, as funções de educar e cuidar estão agora integradas, visando através de novas práticas um ensino de qualidade para as crianças que se encontram nessa modalidade de



ensino. Pois, as crianças são sujeitos sociais e históricos, inseridos numa sociedade onde partilham de uma determinada cultura, daí serem marcados e contribuírem com o meio social ao qual fazem parte, produzindo e sendo produto da história e da cultura.

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 2001, p. 21).

As instituições de educação infantil precisam garantir ao seu alunado não apenas as suas necessidades físicas e emocionais, mas também as de participação social. Elas devem oferecer condições de aprendizagem nas diversas situações pedagógicas intencionais ou orientadas, como na hora das brincadeiras, por exemplo.

METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica acerca da importância do lúdico como ferramenta de suma importância para educação infantil. Ele nos proporcionou compreender que o lúdico se faz mais presente na vida humana, principalmente em sua infância, daí podermos afirmar que o homem é o animal que tem a infância mais longa. Assim como percebermos que toda criança ao descobrir e explorar o mundo que a rodeia (que ela vive) faz uso de brincadeiras como um instrumento, um veículo, para auxiliá-la em seu desenvolvimento e na assimilação do meio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As crianças têm necessidade de brincar, é dessa forma que elas elaboram, interpretam e conferem novos significados aos elementos da realidade que vivenciam em seu dia-a-dia e têm a oportunidade de experimentar o mundo social e o natural, bem como expressar seu



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

modo particular de compreendê-los. Daí, a importância de valorizarmos na escola a brincadeira, que deverá sempre ser incentivada pelo (a) professor (a), uma vez que este momento representa uma significativa situação de aprendizagem.

A brincadeira sempre foi uma atividade significativa na vida dos homens em diferentes épocas e lugares. Estudos históricos mostram que muitos jogos e brincadeiras na Europa medieval permanecem, ainda hoje, em muitas partes do mundo. A brincadeira é, portanto, uma atividade que, ao mesmo tempo, identifica e diversifica os seres humanos em diferentes tempos e espaços. É também uma forma de ação que contribui para a construção da vida social coletiva. Como patrimônio e prática cultural, a brincadeira cria laços de solidariedade e de comunhão entre os sujeitos que dela participam. (BORBA, 2007, p.12).

As situações lúdicas sempre estiveram presentes na vida da criança. Ela brinca na rua, casa, na escola. Porém essa brincadeira sempre estava associada ao prazer, e era vista como um passatempo. Entretanto, pela brincadeira, os objetos e movimentos são transformados, por exemplo, a criança usa os braços para “pilotar um avião” ou uma tampa de panela para substituir o volante de um carro e muitas outras atividades lúdicas nesse sentido.

As relações sociais em que a criança está imersa são elaboradas, revividas, compreendidas. Brincando de casinha, de médico, de escolinha, de roda, de amarelinha, a criança se relaciona com os companheiros, e com eles, num movimento compartilhado, dá sentido às coisas. Assim,

A brincadeira é uma forma de atividade social infantil cuja característica imaginativa e diversa do significado cotidiano da vida fornece uma ocasião educativa única para as crianças. Na brincadeira, as crianças podem pensar e experimentar situações novas ou mesmo do seu cotidiano, isentas das pressões situacionais. (WAJSKOP, 2001, p. 30-31)

Do ponto de vista de Vygotsky (1984, p. 117), é na brincadeira que a criança se comporta, além do comportamento habitual de sua idade e do seu comportamento diário. A criança vivencia uma experiência no brinquedo como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento.

Como diz Vasconcelos (1986, p. 150):



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Desde que se queira trabalhar com o brinquedo dentro de uma estratégia metodológica, necessário será observar, a fim de que se possa ter o domínio do objeto (brinquedo) ou do comportamento (brincadeira), apurando as potencialidades dos mesmos, resultando num melhor aproveitamento estratégico metodológico [...]

No entanto, muitos (as) professores (as) utilizam o brincar só para passar o tempo, com o objetivo que as crianças descarreguem suas energias. Muitas vezes eles utilizam o lúdico sem levar em conta sua importância, não fazem uma reflexão sobre as contribuições das brincadeiras nos trabalhos pedagógicos.

O (A) professor (a) precisa entender o significado do lúdico, como também, que seus alunos apresentam maneiras diferentes para aprender e que, por isso, muitas vezes utilizam caminhos desconhecidos pelo próprio docente.

Como afirma Wajskop (2001, p. 35):

A brincadeira é uma situação privilegiada de aprendizagem infantil, onde o desenvolvimento pode alcançar níveis mais complexos, exatamente pela possibilidade de interação entre pares em uma situação imaginária e pela negociação de regras de convivência e de conteúdos temáticos.

Daí, acreditarmos que a brincadeira é muito importante para o desenvolvimento da criança e também essencial no trabalho da pré-escola, tendo em vista a criança como sujeito histórico e social. Com relação à interação entre as crianças, estas podem estar pensando, imaginando, vivendo suas relações familiares, as relações de trabalho, a língua, a fala, o corpo e a escrita, para citar alguns temas. Então, esta brincadeira se transforma em fator educativo se, na prática pedagógica, for utilizada pela criança para a sua organização e trabalho. Portanto,

O professor jamais será um espectador passivo, que, simplesmente, observa, enquanto seus alunos trabalham ou brincam. É preciso despertar, manter e trazer para dentro da escola a nossa própria capacidade de brincar, de temperatura, a vida com humor e graça, de aceitar desafios e superar limites que expressam o aspecto lúdico característico do ser humano. É preciso expor nossa capacidade de rir, de ser sério e leve, de brincar na vida e com a vida. (PORTES & DELORME, 2003, p. 187)



Dessa forma, os (as) professores (as) precisam compreender a função do brincar, incluindo as atividades lúdicas no planejamento pedagógico, de modo a melhorar a qualidade da aprendizagem e do desenvolvimento dos alunos.

O CONCEITO DE LÚDICO

O lúdico é uma característica marcante no ser humano. Ele está presente nos mamíferos, pois nos demais animais é quase ou totalmente inexistente. É no homem que o lúdico se faz mais presente, principalmente em sua infância, daí podermos afirmar que o homem é o animal que tem a infância mais longa.

Toda criança ao descobrir e explorar o mundo que a rodeia (que ela vive) faz uso de brincadeiras como um instrumento, um veículo, para auxiliá-la em seu desenvolvimento e na assimilação do meio.

Não seria mais estimulador e facilitador para a criança aprender brincando? E não seria satisfatório para o (a) professor (a) conhecer o uso de um instrumento que lhe facilitará na construção do conhecimento e ver que seus (suas) alunos (as) estão aprendendo de forma prazerosa?

Se o lúdico é uma característica humana e as crianças se desenvolvem a partir de brincadeiras, seria importante refletirmos sobre a eficiência do lúdico no processo de ensino-aprendizagem.

Kishimoto (1996) refere-se ao lúdico (particularmente ao jogo), colocando a complexidade do termo usado tanto para designar jogo esportivo, como estratégia política (jogo político); o tabuleiro e as peças de xadrez em cima de uma mesa apenas como objeto decorativo também é chamado de jogo; é também jogo a ação de brincar sem a preocupação de perder ou ganhar, apenas pelo prazer de jogar; são também chamadas de jogo as brincadeiras desenvolvidas em sala de aula com o objetivo de auxiliar a criança na aquisição de conhecimentos sistematizados (jogo pedagógico).

Para um melhor entendimento do que vem a ser o termo jogo, Kishimoto faz referência ao modo como Brougère e Henriot vêem o mesmo. Para ambos o jogo é fato social



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

por receber da sociedade nomeações que surgem não por acaso, mas fruto da cultura. Outro ponto é que o jogo possui regras seqüenciais e ele pode ser materializado, ou seja, objeto.

O brinquedo pode ser usado como objeto de uma infinidade de brincadeiras e não possui regras. Estimula a representação do mundo real e social tornando-o acessível à realidade da criança.

A brincadeira possibilita a imaginação da criança que varia de acordo com a idade: aos três anos é caracterizada pelo animismo, ela dá vida e atribui outros papéis a objetos, por exemplo: ela fala com animaizinhos, ralha com a cadeira onde ela machucou-se como se falasse com uma pessoa; dos cinco aos seis anos ela integra em suas brincadeiras elementos da realidade, ou seja, em suas brincadeiras ela representa papéis sociais: relação familiar, relação patrão / empregado, professor / aluno, etc.

Brinquedo e brincadeira possuem uma relação mais íntima com a criança e não se confundem, nem se assemelham aos jogos.

O jogo tem por características a espontaneidade, o prazer, a liberdade, a intencionalidade, a imaginação, a criatividade, a não preocupação com o resultado, o que importa é a atividade em si.

Será que os jogos realizados na escola com o intuito de auxiliar na aprendizagem continuam a ser jogos? Ora, se o que caracteriza o jogo é a intencionalidade, a espontaneidade e a não preocupação com os resultados, como podem as atividades lúdicas desenvolvidas em sala de aula sob a orientação do (a) professor (a) ser chamadas de jogos se elas não possuem as já citadas características? Nas atividades lúdicas escolares vemos as seguintes características: a preocupação com o objetivo do jogo, com o resultado que ele oferece; a não intencionalidade da criança por o jogo ser proposto pelo (a) professor (a); a avaliação através do jogo.

Como pode o (a) professor (a) trabalhar com jogos em sala de aula sem anular suas características lúdicas? E como as crianças vêem o jogo na escola? Estas são questões a serem profundamente discutidas.

O LÚDICO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM



Para Vygotsky, a imitação possui papel importante no aprendizado, não é só mera repetição. "... a imitação oferece a oportunidade de reconstrução (**interna**) daquilo que o indivíduo observa externamente." (REGO, 1998, p. 111).

Através da imitação a criança realiza ações que estão além de sua capacidade. Ela pode, imitando a mãe, escrever com rabiscos uma lista de compras, fazer de conta que está fazendo os cálculos das mercadorias. Porém, a criança só consegue imitar aquilo que está compatível com seu nível de desenvolvimento.

A aprendizagem antecede o desenvolvimento, afirma Vygotsky. Ou seja, o indivíduo primeiro aprende depois se desenvolve. Para exemplificar melhor esse pensamento, Rego (1998) afirmou que Vygotsky acreditava nas funções biológicas do homem, mas também cria que sem a intervenção da sociedade, da cultura, não haveria desenvolvimento por antes não haver aprendizagem. O homem nasce com os órgãos responsáveis pela fala, mas só a desenvolverá se tiver antes quem o ensine a falar.

Com relação ao desenvolvimento, Vygotsky identificou dois níveis: o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. O nível de desenvolvimento real é caracterizado pelas experiências que foram ou que estão sendo vivenciadas pelas crianças, o que o próprio nome já diz o que é e o que está sendo real. O nível de desenvolvimento potencial é o que a criança possivelmente irá vivenciar no decorrer do seu desenvolvimento através de orientação de pessoas mais desenvolvidas.

A zona que está entre esses dois níveis é denominada pelo autor supracitado de Zona do Desenvolvimento Proximal. A educação trabalha nesta zona proporcionando à criança espaço para a aprendizagem e como decorrência o desenvolvimento. É nessa zona onde identificamos as sementes do desenvolvimento, a partir do real trabalha-se o amadurecimento das funções potenciais que virão a ser executadas pelas crianças sem a intervenção de alguém mais desenvolvido. "[...] aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã - ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã." (Vygotsky apud Rego, 1998, p. 74).

É relevante considerarmos que desde cedo os bebês costumam trazer consigo a vontade de brincar. Eles se divertem com o colorido dos desenhos em seus lençóis; costumam



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

colocar o dedo no olho, no nariz e no ouvido de quem os coloca nos braços; “puxar os óculos do vovô”; “derrubar o chocalho no chão” e tudo isso acontece não como uma forma de intrigar o adulto, mas como uma forma de explorar e conhecer o mundo de uma maneira lúdica que lhes proporciona divertimento, satisfação e descobertas.

CONSIDERAÇÕES

Obviamente, uma criança que teve uma vida em família baseada na valorização afetiva, apresentará uma desenvoltura satisfatória nas relações sociais. E é na escola onde ela terá a chance de desenvolver os primeiros contatos em sociedade por passar a conviver com um maior número de crianças do que o habitual, podendo a partir daí trabalhar valores como respeitabilidade, mas tudo isso só será possível se o (a) professor (a) possuir uma prática educativa criteriosa, ou seja, se ele tiver como preceitos educativos: a necessidade de manter uma ligação afetiva com seu aluno, atentando, por exemplo, para “como a criança tem se desenvolvido fora da escola?”; ter em seu planejamento recursos criativos, lúdicos (brinquedos, fantasias, livros de pano, músicas temáticas, dentre outros.) que facilitem o processo de ensino-aprendizagem, pois através de um ensino dinâmico e agradável a criança terá a oportunidade de trabalhar dentro dela sentimentos negativos que estejam associados a prováveis problemas de aprendizado e o (a) professor (a) estará evitando o tão temido fracasso escolar.

Enfim, acreditamos que o lúdico transforma a vida de uma criança em tudo que é de melhor, aprazível e encantador desde que seja respeitada a sua liberdade de ação e de expressão. E podemos afirmar com plena convicção que nossos brinquedos e nossas brincadeiras sempre representaram papéis importantes em nossa vida, que contribuíram na construção do nosso conhecimento infantil e, conseqüentemente, do nosso conhecimento de mundo hoje.

REFERÊNCIAS



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

BORBA, Angela Meyer. A brincadeira como experiência de cultura na educação infantil.

Revista Criança - do professor de educação infantil, Brasília, pp. 12-14, nov.2007.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, D. F., 2006.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Introdução. Brasília: MEC / SEF, 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo e brincadeira na educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórica - cultural da educação**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

PORTES, L.S. & DELORME, M.I.C. Vamos brincar de brincadeira? In: RASIA, Adalgisa et al (Orgs.) **Corpo e criatividade**. Coletânea de textos didáticos-UEPB, Campina Grande: EDUEPB, 2003.

VASCONCELOS, Paulo A. C. O brinquedo popular e sua função nas comunidades urbanas. In: KURSCH, Margarida M. K. (org.). **Comunicação e educação: caminhos cruzados**. São Paulo: Loyola, 1986.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.